

MEU PAI TENTOU MATAR MINHA MÃE num domingo de junho, no começo da tarde. Eu tinha ido à missa das 11h45, como sempre fazia. Na volta deveria buscar alguns doces na confeitaria que ficava numa espécie de centro comercial, um conjunto de prédios provisórios construídos no pós-guerra, enquanto aguardavam o término da reconstrução. Ao chegar em casa, tirei a roupa de domingo e pus um vestido mais simples. Depois que os clientes já haviam ido embora e os postigos na fachada da mercearia estavam fechados, sentamos para comer, ouvindo rádio, com certeza, pois estava na hora do *Le tribunal*, um programa de humor com Yves Deniaud no papel de funcionário subalterno, acusado continuamente de pequenos delitos sem importância e condenado a penas ridículas por um juiz de voz trêmula. Minha mãe estava de mau humor. A discussão que ela tinha começado com meu pai logo que se sentou durou toda a refeição. Depois de tirar a mesa e limpar a toalha de plástico, ela continuou a criticar meu pai, andando de um lado para o outro, como fazia quando estava aborrecida, pela minúscula cozinha — que ficava espremida entre o café, a mercearia e a escada que levava ao andar de cima. Meu pai ficou sentado à mesa,

sem responder, com o rosto virado para a janela. De repente, começou a tremer de modo convulsivo e ficou ofegante. Ele se levantou e eu o vi segurar minha mãe com força e arrastá-la para o café aos gritos, com uma voz rouca, que eu nunca tinha ouvido. Fugi para o andar de cima e me joguei na cama, com a cabeça no travesseiro. Depois ouvi minha mãe berrar: “Filha, filha!”. A voz dela vinha da adega, que ficava ao lado do café. Desci correndo as escadas e gritei, com toda força, “socorro!”. Na adega mal iluminada, meu pai agarrava minha mãe pelos ombros, ou pelo pescoço. Na outra mão, segurava a pequena foice de cortar lenha que ele arrancara do pedaço de madeira no qual ela costumava ficar cravada. A partir daqui, só consigo me lembrar dos soluços e dos gritos. Em seguida, estamos os três na cozinha de novo. Meu pai sentado perto da janela, minha mãe em pé ao lado do fogão e eu sentada debaixo da escada. Eu não consigo parar de chorar. Meu pai não tinha voltado ao normal, estava com as mãos trêmulas e ainda com aquela voz estranha. Ficou repetindo “está chorando por quê, se eu não fiz nada com você?”. Eu me lembro de ter falado uma frase: “Você vai me afundar na desgraça”.^{*} Minha mãe disse “vamos lá, chega”. Depois, saímos os três para andar de bicicleta numa área rural que ficava nos arredores. Na volta, meus pais reabriram o café, como faziam todos os domingos à noite. Nunca mais se falou no assunto.

Foi no dia 15 de junho de 1952. A primeira data precisa e clara da minha infância. Antes disso, há somente uma sucessão de dias e de datas escritas na lousa e nos calendários.

^{*} No dialeto normando, “*gagner du malheur*” [afundar na desgraça] significa ficar louco e infeliz para sempre depois de ter vivido uma situação de pavor. (N.A.)

Mais tarde, cheguei a contar para alguns homens: “Meu pai tentou matar minha mãe pouco antes de eu fazer doze anos”. Ter vontade de dizer essa frase significava que eu estava apaixonada por eles. Todos se calaram depois de ouvi-la. Eu percebia que tinha cometido um erro, que eles não tinham condições de ouvir uma coisa dessas.

Escrevo essa cena pela primeira vez. Até hoje, me parecia impossível fazer isso, mesmo num diário. Como se fosse uma ação proibida que traria um castigo. Talvez o de não poder escrever mais nada depois. (Senti uma espécie de alívio há pouco, ao constatar que continuava escrevendo como antes, que nada de terrível me acontecera.) Na verdade, depois que consegui escrever esse relato, tenho a impressão de que se trata de um acontecimento banal, algo que ocorre nas famílias com mais frequência do que eu pensava. Talvez seja porque o relato, qualquer relato, normaliza o ato, inclusive o mais dramático deles. Porém, por eu ter sempre conservado essa cena dentro de mim como uma imagem, sem nenhuma palavra ou frase para além das que disse aos meus namorados, as palavras que usei aqui para descrevê-la me soam estranhas, quase desconexas. Ela se tornou uma cena para os outros.

Antes de começar a escrever, achava que seria capaz de me lembrar de todos os detalhes. Na verdade, só retive a atmosfera, a posição de cada um na cozinha, algumas falas. Não sei mais qual foi a origem da briga, se minha mãe ainda estava vestindo seu jaleco branco de comerciante ou se ela tinha trocado de roupa pensando que íamos dar um passeio. Nem sei o que comemos. Não tenho nenhuma lembrança precisa da manhã do domingo, fora a rotina de sempre, missa, ida à confeitaria etc. — apesar de ter rememorado inúmeras vezes a

época em que essa cena ainda não havia acontecido, como faria mais tarde com outros acontecimentos. Mas tenho certeza de que eu estava com meu vestido azul de bolinhas brancas pois, nos dois verões seguintes em que continuei a usá-lo, eu sempre pensava, quando ia vesti-lo, “é o vestido daquele dia”. Tenho certeza também do clima que fazia, uma mistura de sol, nuvens e vento.

Depois, aquele domingo passou a ser uma espécie de filtro que ficava entre mim e todas as coisas que eu vivia. Continuava brincando, lendo, agindo como antes, mas de algum modo estava ausente. Tudo se tornara artificial. Passei a ter dificuldade para memorizar o conteúdo que, antes, com uma única leitura eu aprendia. No lugar da displicência dos alunos que têm facilidade para o estudo, passei a ter uma hiperconsciência das coisas, sem me concentrar em nada específico.

É uma cena que não podia ser julgada. Meu pai, que me adorava, havia tentado eliminar minha mãe, que também me adorava. Como minha mãe era mais cristã que meu pai, e como era ela que administrava o dinheiro da casa e que conversava com as minhas professoras, eu devia achar natural que ela gritasse com meu pai do mesmo jeito que gritava comigo. Ninguém estava errado, ninguém era culpado. Eu devia apenas impedir que meu pai matasse minha mãe e fosse para a prisão.

Acho que esperei durante meses, talvez anos, que a cena se repetisse, com a certeza de que aconteceria. A presença dos clientes me tranquilizava; eu receava os momentos em que estaríamos só os três, nas noites e tardes de domingo. Ficava alerta para a menor alteração de voz entre eles e vigiava meu pai, as expressões que fazia, as mãos dele. Se um silêncio repen-

tino se instaurava, eu sentia a desgraça se aproximar. Na escola, ficava imaginando que, ao voltar para casa, poderia encontrar o drama consumado.

Quando acontecia de um demonstrar afeto pelo outro, com um sorriso, uma risada cúmplice ou uma piada, eu tinha a sensação de estar de volta a uma época anterior à cena. Como se tudo não tivesse passado de um “sonho ruim”. Pouco depois, já sabia que esse gesto de afeto só fazia sentido no momento em que tinha acontecido e não era nenhuma garantia para o futuro.

Naquela época sempre tocava no rádio uma música esquisita que reproduzia uma briga súbita num saloon: havia um momento de silêncio, em que uma voz sussurrava “dava para ouvir uma mosca voando”, e depois uma explosão de gritos e de frases confusas. Todas as vezes que eu ouvia essa música, era tomada por uma angústia. Um dia meu tio me deu o romance policial que ele estava lendo: “O que você diria se seu pai fosse acusado de um assassinato que não cometeu?”. Na mesma hora eu gelei. Em todo canto encontrava a cena de um drama que não havia acontecido.

A cena nunca mais se repetiu. Meu pai morreu quinze anos depois, também num domingo de junho.

Só agora me dou conta do seguinte: talvez meus pais tenham conversado entre eles sobre a cena do domingo e o gesto do meu pai, talvez tenham encontrado uma explicação, ou uma desculpa, e tenham decidido esquecer tudo. Por exemplo, numa noite depois de terem feito amor. Tal pensamento, como todas as coisas que não ocorrem na hora, chegou tarde demais. Ele já não me serve para nada, apenas me faz perceber, pelo

viés de sua ausência, o tamanho do horror sem palavras que experimentei naquele domingo.

Em agosto, uma família de ingleses montou uma barraca para acampar na beira de uma estrada deserta no sul da França. Pela manhã, foram encontrados mortos: o pai, Sir Jack Drummond; sua esposa, Lady Ann; e a filha Elizabeth. A fazenda mais próxima pertencia a uma família de origem italiana, os Dominici, cujo filho Gustave foi a princípio acusado pelos três assassinatos. Os Dominici falavam francês mal; os Drummond talvez falassem melhor que eles. Eu não sabia nada de inglês nem de italiano, apenas “do not lean outside” e “è pericoloso sporgersi”, frases que vinham escritas nos vagões de trem abaixo de “não se pendurar do lado de fora”. Na época acharam estranho que gente com uma boa condição tivesse preferido dormir ao relento em lugar de um hotel. Fiquei me imaginando morta ao lado dos meus pais na beira de uma estrada.

Daquele ano, ainda guardo duas fotos. Numa delas, estou vestida para a primeira comunhão. É uma “foto de estúdio”, em preto e branco, inserida e colada numa caderneta de papelão, ornada por motivos, coberta com uma folha semitransparente. Dentro, a assinatura do fotógrafo. Vê-se uma menina com o rosto cheio, a pele fina, as maçãs do rosto protuberantes, um nariz arredondado de narinas grandes. Os óculos têm uma armação grossa, de cor clara, e vão até o meio da maçã do rosto. Os olhos encaram intensamente a câmera. Os cabelos curtos, com uma permanente, sobressaem na frente e atrás da touca, de onde pende um véu preso de modo frouxo debaixo do queixo. Apenas um leve sorriso esboçado no canto do lábio. Uma

expressão de menina séria, que aparenta ser mais velha graças à permanente e aos óculos. Está ajoelhada num genuflexório, os cotovelos sobre o apoio acolchoado, as mãos grandes, com um anel no dedo mínimo, estão unidas debaixo do rosto e delas pende um rosário que cai sobre o missal e as luvas postos em cima do genuflexório. A silhueta não está marcada no vestido de musselina cujo laço da cintura está frouxo, como a touca. Dá a impressão de que não há um corpo por baixo desse hábito de freirinha, pois não consigo imaginá-lo e menos ainda senti-lo da forma como sinto o meu agora. Fico espantada ao pensar que, contudo, é o mesmo que tenho hoje.

Essa foto data de 5 de junho de 1952. Ela não foi tirada no dia da minha primeira comunhão, em 1951, mas — já não lembro por qual motivo — no dia da “renovação dos votos”, em que a cerimônia era reproduzida, um ano depois, com as mesmas roupas.

Na outra foto, pequena e retangular, estou com meu pai diante de uma mureta decorada com uns vasos de flores. Estamos em Biarritz, fim de agosto de 1952, com certeza na orla, embora na imagem não apareça o mar, numa viagem a Lourdes. Devo ter no máximo um metro e sessenta, pois minha cabeça bate um pouco acima do ombro do meu pai, que media um metro e setenta e três. Meus cabelos cresceram nesses três meses, formando uma espécie de coroa encrespada, presa com uma fita em torno da cabeça. A foto está muito desfocada, tirada com uma câmera cúbica que meus pais ganharam numa quermesse antes da guerra. É difícil distinguir meu rosto ou meus óculos, mas se vê um grande sorriso. Estou de saia e camiseta branca, uniforme que eu havia usado na Festa da Juventude dos Colégios Cristãos. Por cima, um casaco apoiado no ombro com as mangas soltas. Aqui, pareço magra, sem formas definidas, por

causa da saia justa no quadril e larga mais abaixo. Nessa roupa, pareço uma pequena mulher. Meu pai usa um casaco preto, uma camisa e calças claras, gravata escura. Ele se esforça para sorrir, com o habitual ar preocupado que tinha em todas as fotos. Sem dúvida, guardei essa porque nela, ao contrário das outras, parecemos ser quem não éramos — pessoas chiques, veranistas. Nas duas imagens apareço sorrindo de lábios fechados, por causa dos meus dentes tortos e malcuidados.

Olho para essas fotografias até parar de pensar, como se, de tanto encará-las, eu fosse conseguir entrar no corpo e na cabeça dessa menina que esteve ali, um dia, no genuflexório do fotógrafo, em Biarritz com seu pai. Porém, se eu nunca tivesse visto essas imagens e alguém me mostrasse pela primeira vez, não acreditaria que aquela era eu. (Certeza de que “sou eu”; impossibilidade de me reconhecer, “não sou eu”).

Menos de três meses separam as fotos. A primeira é do começo de junho, a segunda do fim de agosto. Elas são muito diferentes pelo formato e pela qualidade, por evidenciarem certa transformação em minha silhueta e em meu rosto, mas elas me parecem dois marcos temporais: um, o da primeira comunhão, no fim da infância que a cerimônia representa; o outro, inaugurando o tempo no qual eu não deixaria mais de sentir vergonha. Talvez isso seja apenas um desejo meu de delimitar um período preciso naquele verão, como faria um historiador. (Dizer “naquele verão” ou “o verão dos meus doze anos” é uma forma de romantizar um tempo que nada teve de romântico para mim, assim como não consigo imaginar que o verão de agora, de 1995, um dia seja tratado com o encantamento que a expressão “naquele verão” sugere.)